



Refletindo sobre a ausência de discussão sobre gênero e sexualidades na escola E.E.B. Simão José Hess

Autora: Ester dos Santos (PIBIC EM - E.E.B. Simão José Hess) | parkcake103@gmail.com

Orientador: Guilherme Borges Laus (NIGS, Antropologia - UFSC).

Coordenadoras do Projeto PIBIC EM: Prof. Dra. Miriam Pillar Grossi e Dra. Alexandra Eliza Vieira Alencar.

Introdução

Minha pesquisa trata da falta da discussão sobre gênero e sexualidade na escola E.E.B. Simão José Hess, localizada no bairro Trindade, em Florianópolis, Santa Catarina. Ela buscou, principalmente, saber o ponto de vista dos professores e alunos sobre essas discussões nas salas de aula.



E.E.B. Simão Simão Hess

Justificativa

Essa pesquisa foi motivada pela ausência de atividades e aulas envolvendo as temáticas de gênero e sexualidade, fora brincadeiras quando o assunto é tocado informalmente.

Objetivo geral

- Compreender a razão de não haver nenhuma atividade, ou até mesmo cartaz, que represente temas relacionados a gênero e sexualidade na minha escola, E.E.B. Simão José Hess.

Metodologia

Consistiu, principalmente, em entrevistas com professores/as. Além destas, apliquei questionário virtual com estudantes da minha classe, tive conversas informais com outros/as e realizei observação participante.



Campo

Durante a pesquisa feita, eu estive observando o meu campo, ou seja, a minha escola, E.E.B. Simão José Hess. Observei, por exemplo, os olhares das pessoas para as pessoas trans, e os olhares das pessoas trans para as pessoas, que tratavam como se aqueles olhares não fossem nada pois, segundo elas, estavam acostumadas com os olhares curiosos ou julgadores que recebem.

Eu estava motivada a saber qual a opinião dos professores acerca da falta de discussão sobre gênero e sexualidade na minha escola. Para tanto, em minha pesquisa, entrevistei oito dos meus professores, além de ter aplicado um questionário virtual para meus colegas de classe responderem.



Considerações Finais

Através das oito entrevistas aplicadas, eu descobri que meus professores são mais abertos do que eu pensava, e que se dependesse apenas deles, saberíamos muito mais sobre gênero e sexualidade do que sabemos. Ficou evidente que há um consenso, no qual a discussão sobre gênero e sexualidade deveriam acontecer.

No entanto, com os estudantes foi diferente: de vinte e cinco membros da minha turma, apenas seis me responderam. Dois demonstraram não conhecer sobre os temas e, destes, enquanto um assumiu que ter aula disso seria interessante, "uma boa", já que ele nunca teve nenhum tipo de contato com assuntos relacionados, a outra pessoa agiu de maneira homofóbica. As outras quatro pessoas já sabiam mais profundamente sobre gênero e sexualidade, e reafirmaram que deveríamos ter aula sobre essas questões.

O silêncio que recebi pode ter sido motivado por vergonha, por não saber nada do que eu estava questionando; ou também pode ter sido raiva, como um dos meus colegas de classe já disse uma vez: "raiva desses gays que roubam nossas minas", um comentário homofóbico e totalmente ignorante da parte dele, mas que fez outros estudantes rirem.

Então, com base nos meus dados, penso que, se não houvesse tanta burocracia para os professores darem aula ou fazer uma discussão sobre isso, eles nos ensinariam. E, aos estudantes, enxergo que seria um bem maior, ou, como uma professora me respondeu: "A discussão sobre gênero e sexualidade, aqui, seria como evitar as risadinhas e piadinhas sem graça, abrir a cabeça dos alunos, para que respeitem o próximo. Um bem para a formação do ser humano".

REALIZAÇÃO:



APOIO:



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, Brasil, fevereiro 2001.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. Gênero, sexualidade e diversidade no currículo escolar: a experiência do papo sério em Santa Catarina. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, jan./abr. 2015.